



**Homilia de Sua Eminência Frank Cardinal Leo
Arcebispo Metropolitano de Toronto
Domingo da Mordomia – 21 de setembro de 2025**

Meus caros Irmãos e Irmãs,

Louvado seja Jesus Cristo.

Neste 25º domingo do Tempo Comum, usamos algum do nosso tempo para refletir sobre a Mordomia pela Arquidiocese fora. Mais do que darmos o nosso tempo, tesouro e talento, a mordomia é profundamente espiritual, bíblica e eminentemente prática no viver diário. Neste Ano do Jubileu, a mordomia assume um significado especial. O chamamento para voltarmos ao início, para repor e renovar, lembra-nos que tudo pertence a Deus e que somos guardiões e conservadores. O Jubileu exige justiça e desprendimento; a mordomia recomenda responsabilidade e reverência. Em conjunto, estes elementos desafiam-nos a viver com generosidade, equilíbrio e no serviço a Deus e uns aos outros.

A mordomia começa com o reconhecimento que toda a criação pertence a Deus (cf. Deut 10:14; Ps 24:1) pois Ele nos conferiu generosamente (cf. *CIC*, 299). Esta oferta do Senhor, dada com amor, convida-nos a termos uma relação com Ele, a respondermos de forma agradável e que segue o exemplo modelado pelo seu Filho, que “veio não para ser servido, mas para servir” (cf. Mt 20:28; Mc 10:45; cf. Jo 13:1-17).

Enquanto mordomos das bênçãos de Deus, somos guardiões carinhosos; pois gerimos e celebramos as ofertas de Deus com reverência, gratidão, humildade e amor. Se não formos confiáveis com as coisas passageiras deste mundo, usando-as para a glória de Deus e ao serviço dos nossos irmãos e irmãs, como poderemos ser dignos de confiança com as bênçãos eternas que nos aguardam no céu? As “verdadeiras riquezas” (Lucas 16:11) mencionadas na leitura do Evangelho deste fim-de-semana, são compreendidas como riquezas espirituais – coisas de valor eterno, incluindo a própria vida eterna. Não estou a sugerir que devemos comprar ou conquistar a nossa passagem para o céu, este ponto de vista é falso e condenado pela Igreja; contudo, a nossa fidelidade nas matérias terrestres mostra a nossa prontidão para o céu (cf. *CIC*, 1996-1997, 2027, 2008, 1815).

A parábola de Jesus sublinha o uso sensato das coisas mundanas ao serviço de Deus e dos outros, e no fim de contas, da vida com Ele (cf. Mateus 6:19-21). A referência às “moradas eternas” (Lc 16:9), no fim da parábola, lembra-nos a que devemos focar-nos no que realmente importa. A urgência do administrador também é de notar (Lc 16:6), indicando que não devemos esperar pelo amanhã que poderá não chegar. Por fim, a utilização da propriedade do homem rico, por parte do administrador de forma a assegurar a sua própria riqueza pessoal futura serve como exemplo indispensável, se as pessoas usarem as coisas do mundo apenas para assegurem o seu futuro na Terra, que por sua vez é passageiro, quão mais teremos de fazer para alcançar a vida eterna que dura para sempre (Lc 16:9). Somos chamados a oferecer as coisas deste mundo, que pertencem a Deus, para lhe dar glória e merecermos a vida eterna – se bem que como serventes fiéis e não mordomos desonestos (Lc 16:12; cf. Sto. Agostinho, *Sermão 359A*,10).

Até os atos mais pequenos de fidelidade têm significado eterno. Viver na presença de Deus com conhecimento das suas ofertas e bênçãos, resulta num viver e atuar com propósito, significado e esperança. Mestres espirituais tais como Jean-Pierre Caussade e o Irmão Lourenço chamam a isto: **O Sacramento do Momento Presente**. Todas as nossas decisões e ações tornam-se sagradas quando são tomadas com o conhecimento de que somos serventes de Deus, os Seus filhos



amados, que oferecem-se num todo a Ele, incluindo as nossas próprias vidas, em união com Jesus Cristo.

Enquanto as dádivas e bênçãos que temos recebido são muitas e incríveis, não se comparam com a vida divina que nos é oferecida na Santa Eucaristia. A Eucaristia não só nos lembra da oferta total de Jesus – o seu corpo, sangue, alma e divindade, que nos foi dada pela salvação do mundo – é também um convite a imitar o seu amor sacrificial (cf. Jo 13:34-35). A verdadeira mordomia reconhece as ofertas e bênçãos que temos vindo a receber e com gratidão oferece-as a Deus em serviço com amor. Assim como Jesus se ofereceu a si próprio ao Pai, nós oferecemos tudo o que temos e tudo aquilo que somos, ouvindo o chamamento de “tomar a nossa cruz” e segui-lo sem contar o custo (Mt 16:24; Mc 8:34-36)

Durante este Ano do Jubileu, recordamos o seu significado bíblico profundo – um tempo sagrado de renovação espiritual. As escrituras Hebraicas lembram-nos que tudo que possuímos, a nossa própria existência e viver, pertencem no fim a Deus (cf. Lev 25:23). O Jubileu do Antigo Testamento viu a terra devolvida, dívidas perdoadas e cativos libertados; foi uma mensagem para confiar na providência de Deus – de viver não de punhos cerrados, mas sim de coração e mãos abertas, prontos a receber e a dar. A nossa administração flui desta mesma disposição e dedicação. Não somos donos, mas sim guardiões das ofertas de Deus (cf. *CIC*, 952).

Num mundo marcado pela divisão, consumismo, e pelo medo, a verdadeira administração transforma-se num ato de esperança: o sinal visível de que confiamos em algo maior do que nós. Pessoas que vivem na esperança, vivem de forma diferente (cf. *Spe Salvi*, 2), têm uma perspectiva eterna que é informada pela fé e pelo amor. Fé, esperança e amor, encontram a sua maior manifestação e cumprimento na Eucaristia, o prenúncio sacramental da vida divina de Deus, que se realiza em plenitude no céu (cf. *CIC*, 1402-1405;1003). Ao recebermos esta oferta sagrada, somos convidados a responder com as nossas vidas na totalidade, oferecendo-nos a Deus, ao serviço dos nossos irmãos e irmãs. A nossa oferta pessoal espelha o amor de Deus, refletindo assim a verdadeira mordomia.

Termino com um dito inspirador de S. João da Cruz (*Ditos de Luz e Amor*, 26) onde ele compreende e transmite que todas as coisas nos pertencem porque todas elas pertencem a Deus, e em Cristo, também nós pertencemos a Deus:

“Os céus são meus e a terra é minha. Os povos são meus; meus são os justos e os pecadores. Os anjos são meus, a Mãe de Deus é minha e minhas são todas as coisas. O próprio Deus é meu e para mim, porque Cristo é meu e todo para mim. Então, que pedes e procuras alma minha? Tudo isto é teu e para ti. Não te rebaixes nem olhes às migalhas que caem da mesa do teu Pai. Sai para fora e gloria-te na tua glória; esconde-te nela e goza, pois alcançarás o que o teu coração deseja.”

Meus irmãos e irmãs, que o Senhor vos abençoe e vos mantenha e aos vossos entes queridos, assim como as vossas comunidades na Sua abundante graça.

.